

## EDITORIAL

Duzentos anos depois da criação das primeiras instituições de ensino superior no Brasil, permitidas e implantadas só quando chegou a estas terras a família real portuguesa, o Brasil tem indicadores educacionais que deixam a desejar até mesmo se comparados com os dos vizinhos do continente. Se houve avanço no ensino fundamental – 97% das crianças estão matriculados –, apenas 10% dos jovens entre 18 e 24 anos têm acesso à educação superior, e desses só 2% frequentam as universidades públicas, consideradas as melhores.

Mas não é só a política educacional que não dá conta do desafio que lhe cabe enfrentar. Outro desafio a exigir solução há decênios, talvez desde que Joaquim Nabuco apresentou uma proposta para arrostá-lo, é a injusta, senão obsoleta, estrutura agrária. Além dos que condenavam a reforma agrária por ser cara, desnecessária, lenta e violenta, agora há os que alegam que ela destrói o meio ambiente. O Brasil estaria assim retardando oportunidades de implantar um recorte fundiário novo e moderno, que diminua a concentração da propriedade da terra. Isso é tanto mais grave na medida em que com apenas 70 mil reais promovem-se o assentamento de uma família e, por conseguinte, a criação de três empregos diretos e um indireto. Quando mais não fosse, essa forma barata de criar empregos já faria da reforma agrária uma prioridade.

Duas outras questões críticas são a inovação tecnológica e o meio ambiente. Quanto à primeira, dados positivos e negativos se contrabalançam: hoje chega a 27 mil o pessoal de nível superior trabalhando em pesquisa e desenvolvimento nas empresas do país. Mas o esforço de inovação mantém-se muito aquém do desejado, como se pode concluir da leitura dos textos reunidos neste número de *Cadernos do Desenvolvimento*.

Quanto ao meio ambiente, nestes tempos em que se acirram as polêmicas entre ambientalistas e partidários do desenvolvimento econômico a qualquer preço, e em que o Congresso aprova a regularização de ocupações de terras da União na Amazônia, a grande pergunta permanece em suspenso: o crescimento econômico do tipo que conhecemos abalará cada vez mais a natureza, a ponto de comprometer a vida dos 6 bilhões que somos?

Educação, questão agrária, inovação tecnológica, meio ambiente. Para debater cada um desses temas o Centro Celso Furtado convidou professores e especialistas, do governo e da sociedade, reunidos em seminários abertos ao público. Aqui estão seus diagnósticos, nossas perspectivas.